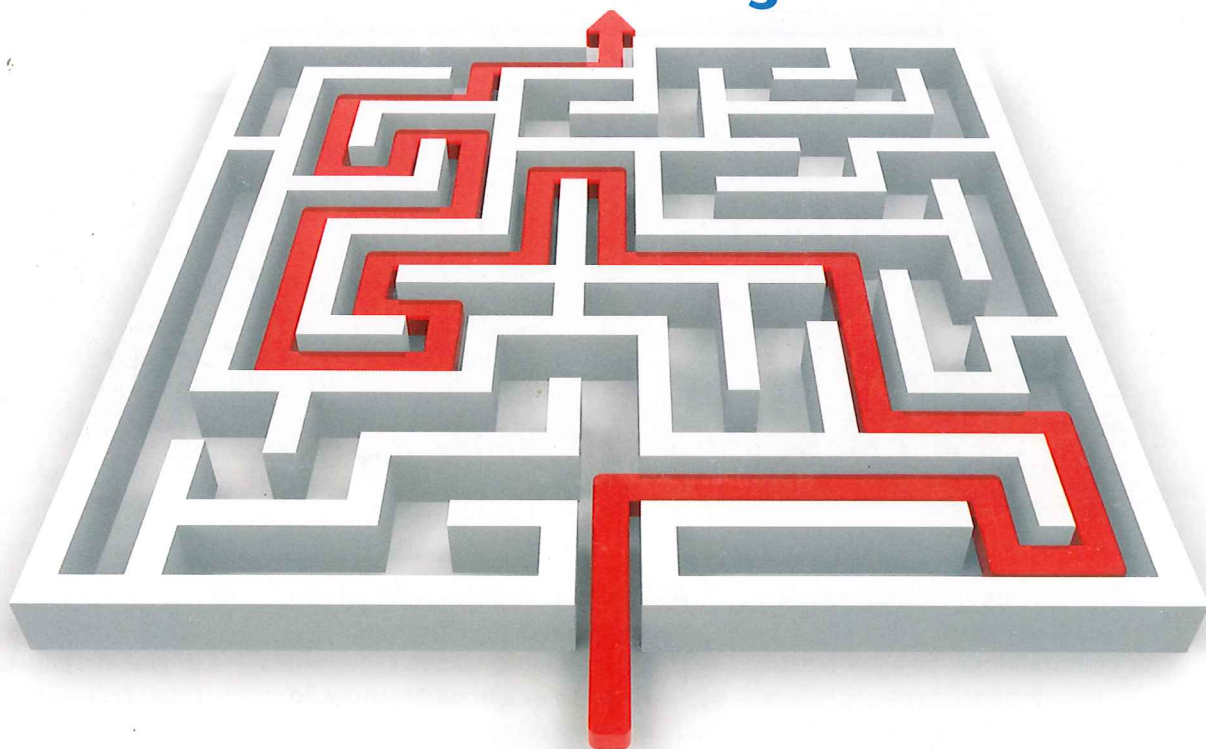


EM SALA DE AULA: A SOCIOLOGIA DO FUTEBOL E AS FORMAS DE COMPREENDER O ESPORTE

SOCIOLOGIA



EDUCAÇÃO



QUALIDADE

Uma análise do sistema educacional brasileiro para além dos números do PISA

AINDA O ENSINO

O descompasso entre a formação do indivíduo e as exigências para a vida em sociedade

DINÂMICA URBANA

População da favela cresceu menos no Brasil, comparada à população geral, diz estudo do IPEA

SEGREGAÇÃO SOCIAL

O jovens dos shoppings e os conflitos raciais nos EUA, na coluna de Ruy Braga

CRISE ANUNCIADA

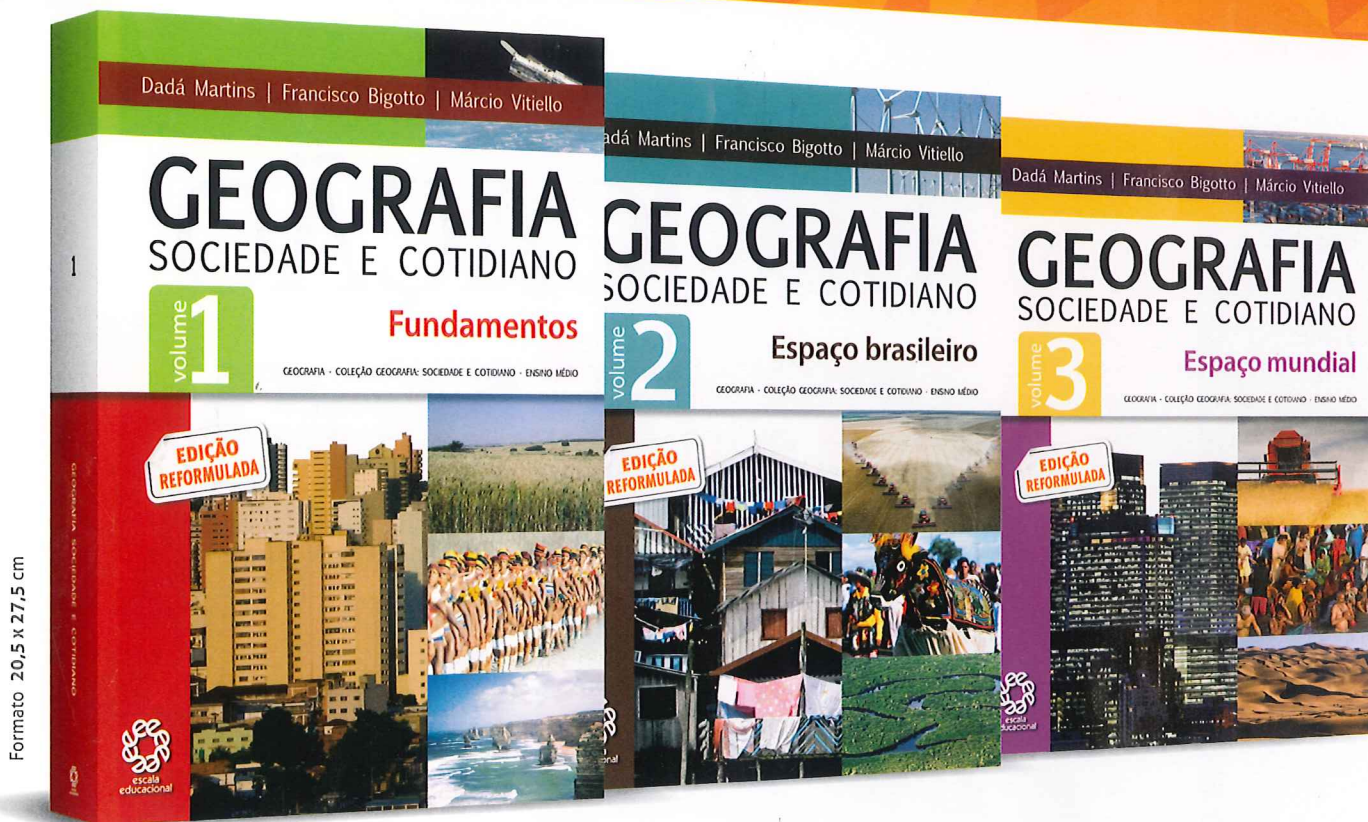
Sob a luz do Sistema-Mundo, Immanuel Wallerstein previu a queda da hegemonia estadunidense, há mais de 10 anos



ENTREVISTA: Manifestação ou diversão? O antropólogo Fred Lucio analisa os "rolezinhos"

REFORMULADO
Novas atividades;
imagens e dados atualizados!

A GEOGRAFIA FAZENDO PARTE DO DIA A DIA



- Análise das relações entre a sociedade e a natureza, centrando-se no estudo das transformações paisagísticas e ambientais decorrentes das atividades humanas.
- Abordagem das relações espaço-temporais com base nos processos de formação do espaço geográfico.
- Os temas abordados remetem à realidade dos alunos, considerando-se que são sujeitos sociais e atuam na organização do espaço geográfico.
- Destaque para os conceitos geográficos, especialmente de espaço, região, paisagem e território.
- Possibilita aos alunos a compreensão dos termos "local" e "global", para que entendam a totalidade das relações sociais.
- Articulação entre os conteúdos e as atividades, valorizando seus conhecimentos prévios e o desenvolvimento do pensamento crítico.

**PROFESSOR:
+mais
recursos
PARA VOCÊ**

Informações sobre fundamentação teórica e abordagem utilizada na coleção.

Resolução comentada das atividades, textos complementares e sugestões de leitura.

Orientações para aplicação dos conteúdos e atividades para o desenvolvimento da interdisciplinaridade.

Conteúdo digital e atividades complementares.

SOLICITE A
VISITA DE UM
DIVULGADOR

www.escalaeducacional.com.br
Central de atendimento atendimento@escalaeducacional.com.br
11 3855 2175 (São Paulo - Capital) • 0800 772 2120 (demais localidades)

**escala
educacional**

SUMÁRIO

SOCIOLOGIA | EDIÇÃO 51

ENTREVISTA
Professor da ESPM e antropólogo Fred Lucio discute o fenômeno dos rolezinhos

06



14

CAPA
Pesquisadora Sueli de Lima propõe abordagem da educação brasileira, dando ênfase a um modelo que vai além de simples indicadores como o PISA



REFLEXÃO
Problema educacional é cultural e cada meio social exige da escola diversas maneiras de formação do indivíduo

22



30

CIBERCULTURA
A revolução robótica e seu impacto profundo em nossa vida pessoal e sociedade



RESENHA
Em *Os Limites do Capital*, David Harvey nos conduz no emaranhado das categorias mais complexas do modo de produção capitalista

48



50

SOCIOLOGIA PÚBLICA
Rosa Parks nos EUA e jovens em Itaquera: um quê de segregação, em Ruy Braga



SOCIOMÍDIA
Grupo de profissionais da área analisa assuntos da mídia com olhar sociológico

54



58

REGISTRO
Protagonismos e desafios ao longo da história do Instituto Internacional de Sociologia, por Sergio Mattos



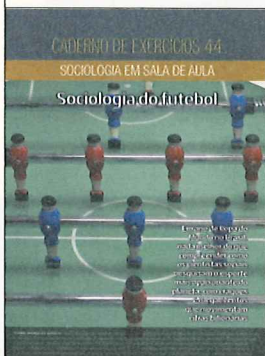
ANTENADO
Livros e filmes para seu conhecimento e reflexão

62



64

SOCIÓLOGOS E SOCIOLOGIA
Alderico José Santos Almeida e a luta pela valorização da profissão de sociólogo no Maranhão



CADERNO DE EXERCÍCIOS:
SOCIOLOGIA DO FUTEBOL

Em ano de Copa do Mundo no Brasil, nada melhor do que compreender como os cientistas sociais pesquisam o esporte mais apaixonante do planeta, com craques e megaeventos que movimentam cifras bilionárias (pág. 35)

68

IPEA
Estudo revela que o número de pessoas que mora em favelas no Brasil cresceu menos do que a população em geral

76

MEMÓRIA
Anúncio da perda de poder dos EUA foi feito há mais de 10 anos, pelo sociólogo Immanuel Wallerstein e o seu Sistema-Mundo

82

PONTO DE VISTA
Opinião em imagem: o ensino superior no Brasil

MUITO além do PISA

Pesquisadora Sueli de Lima propõe uma abordagem diferente sobre o tema, dando ênfase a um modelo que vai além de simples indicadores, priorizando valores como solidariedade, democracia e diálogo

por Lucas Vasques*





Nem sempre a avaliação fria dos números e das estatísticas é o melhor método para se traduzir a real situação dos diversos setores do País, além de apontar suas principais necessidades para atingir o avanço exigido pela sociedade. No caso do ensino, por exemplo, a prova disso é o resultado do mais recente relatório sobre o desempenho dos alunos brasileiros, realizado pelo Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa), da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). O estudo apontou déficit nacional nas categorias Leitura, Matemática e Ciências. No entanto, há vozes que gritam por novas formas de avaliação e de dinâmicas de trabalho.

“Entendo que possuímos um sistema escolar, mas não um sistema educacional. Pois um sistema educacional precisa estar articulado com diversas instituições e práticas sociais, que também são educativas.” É dessa forma que Sueli de Lima, pesquisadora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), propõe um novo modelo educacional. Fundadora da Casa da Arte de Educar, em 1999, uma organização social, que realiza projetos na área de Educação Integral e da Educação de Jovens e Adultos, ela defende que é necessário ir muito além de indicadores de aprendizagens mensuráveis, como os aferidos no Pisa, enfatizando valores, como solidariedade, democracia e diálogo. Sueli coordenou uma pesquisa nacional, realizada pelo Ministério da Cultura (MinC) e pela Casa da Arte de Educar.

“No meu entender, o Pisa é um dos pontos de vista para avaliarmos as práticas educativas desenvolvidas no País. É concebido por organismos internacionais e tem por objetivo ranquear os países, segundo seus critérios. No entanto, cada nação tem seus processos históricos, desafios, potenciais e nem tudo estará explícito neste modelo de avaliação. O Brasil precisa ter seus próprios processos de monitoramento da educação. Estamos no caminho, já possuímos alguma coisa, como o Índice



A abordagem, segundo Sueli, deve dar prioridade ao diálogo franco e aberto entre as formas convencionais de ensino e a muitas manifestações de arte, por exemplo

“Entendo que possuímos um sistema escolar, mas não um sistema educacional. Pois um sistema educacional precisa estar articulado com diversas instituições e práticas sociais, que também são educativas”

IMAGENS: REMATO STOCKLER / SHUTTERSTOCK

de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), Prova Brasil etc. O problema é que eles ainda estão estruturados, estritamente, em resultados mensuráveis, sem levar em consideração os processos de educação”, avalia Sueli.

Para avançar na questão da avaliação, segundo a educadora, é preciso promover mais debates sobre o que entendemos como “qualidade da educação”. “Esse aspecto é muito mais do que medir indicadores tecnocráticos. Avaliar a qualidade deve implicar na consideração de uma série de processos, que incluem e excedem o resultado obtido em provas pontuais e padronizadas. Processos que reconheçam as especificidades locais e regionais e que contemplem questões como o grau de democratização efetiva do direito à educação, as condições de igualdade e equidade do sistema escolar, o compromisso das instituições (currículos e práticas pedagógicas) com as demandas e necessidades das populações. Os processos educativos precisam ter, como meta, a formação de um sujeito capaz de compreender o mundo e suas condições de atuação neste mundo. O sujeito que precisamos formar tem de saber viver em meio a muita diversidade, ser solidário, criativo e respeitar a vida no planeta. Estas condições não são medidas pelo Pisa ou qualquer outro exame realizado no Brasil atualmente. Por isto, é preciso avançar em relação à avaliação que já possuímos, pois a educação é um processo dinâmico.”

Sueli ressalta que os problemas em educação são sistêmicos: estão articulados e é difícil separá-los. “O **investimento** não é a causa dos baixos resultados, mas contribui. Acredito que seja necessário aumentar o investimento, mas, principalmente, criar condições para que esses recursos se estendam a diversas práticas educativas, como as realizadas em centros comunitários, bibliotecas, teatros, cinemas comunitários, museus etc. O que temos no Brasil é um Ministério da Educação, que dialoga com parte dos espaços educativos: escolas e universidade. Isso representa uma parcela das práticas, não todas. É preciso ampliar essa ideia e criar condições

“Os processos educativos precisam ter, como meta, a formação de um sujeito capaz de compreender o mundo e suas condições de atuação. O sujeito que precisamos formar tem de saber viver em meio a muita diversidade, ser solidário, criativo e respeitar a vida no planeta”



legais para que os investimentos também sejam estendidos.”

Em relação a outro problema apontado por especialistas, a desigualdade social no Brasil, Sueli amplia sua análise. “Trabalhar na educação, para superar o complexo quadro de desigualdades sociais na direção da diminuição de nossas pobreza, nos impõe a formulação de modelos capazes de enfrentar a dificuldade, comum entre nós professores, de tornar as culturas um eixo central dos processos educacionais. Educa-

ção é o primeiro direito social elencado no artigo 205 da Constituição Federal do Brasil de 1988. Entretanto, sua garantia a todos os brasileiros, quase 25 anos depois da promulgação da Constituição, ainda está distante de ser assegurada.”

No entanto, prossegue Sueli, diversos documentos indicam que apenas 49% da população brasileira tem Ensino Fundamental concluído ou que somente 29% dos alunos que concluíram o Ensino Médio, em 2009, sabiam o uso adequado da Língua Portuguesa e 11%, o de Matemática. “A desigualdade do sistema educacional é, hoje, causa e consequência da desigualdade social e econômica no País.”

A professora ressalta que a educação escolar tende a reproduzir as relações sociais, políticas e econômicas, de modo geral. “Portanto, se vivenciamos condições desiguais, individualistas, essas condições também marcam o nosso sistema educacional.” Além de todas as dificuldades pelas quais o Brasil sofre ao longo de sua trajetória histórica, as grandes dimensões geográficas e populacionais são desafiadoras para a oferta de educação pública de qualidade, principalmente, no que diz respeito à igualdade de oportunidades e à garantia do aprendizado de alunos de regiões distintas em aspectos econômicos, sociais e territoriais.

DIMENSÃO SUBJETIVA

A partir de sua perspectiva profissional, a educadora pesquisa a relação de estudantes com o saber. Entrar na escola é algo

*** Investimento »** De acordo com conclusão do Pisa, o Brasil investe, em média, US\$ 26.765 por estudante entre 6 e 15 anos, e um terço da média dos demais países da OCDE investe US\$ 83.382.



IMAGENS: SHUTTERSTOCK

Investimento em educação também deveria se estender a diversas práticas educativas, como as realizadas em centros comunitários, bibliotecas, teatros, cinemas comunitários, museus etc.

mais complexo do que estar matriculado. “Possui, também, uma dimensão subjetiva, pois entrar na escola é participar de uma relação com o saber, capaz de contribuir para a construção de sentido para a existência daquele jovem. Trabalho a partir do diálogo com estudantes de meios populares. Entendo que é preciso, também, ouvir os estudantes, quando nos perguntamos sobre as condições em que os processos de ensino-aprendizagem ocorrem. Na intenção de investigar o sentido dessas relações, entender que tem significação aquilo que tem sentido, aquilo que diz algo sobre o mundo, que se pode trocar com outros.”

Um dado importante, obtido por meio de pesquisas desenvolvidas pela professora, indica que a escola é considerada importante por mais de 50% dos jovens entrevistados, mas eles não se sentem mobilizados por ela. “A escola não tem transformado suas vidas, seu valor se situa em uma dimensão institucional, relacionada à aquisição de diploma. Para os estudantes que entrevisto, a aprendizagem significa menos ‘apropriar-se de um capital (ainda que cultural) do que tornar-se capaz’. Ou seja, eles afirmam que a aprendizagem precisa encontrar sentido em um fazer, precisa responder às atividades que os desafiam, mais

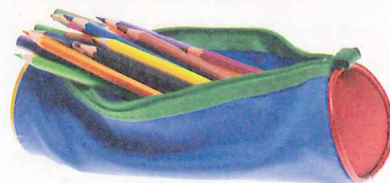
do que apresentar-lhes conteúdos de saber. O desinteresse é responsável por mantê-los distantes da escola, o que se reflete no ‘fracasso’ e abandono escolar”, afirma.

“Com as contribuições que a Sociologia trouxe para o campo da educação, muitas vezes relacionamos as condições sociais aos resultados acadêmicos. No entanto, o problema tem se apresentado de forma complexa, pois é fato que a desigualdade social está em torno e dentro da escola. Por outro lado, os fenômenos da educação possuem dimensões sociais, políticas, éticas, pedagógicas e didáticas. Quero estudar, principalmente, as duas últimas. Estudantes não identificam, naquilo que aprendem na escola, material que os auxilie na construção do sentido de suas existências. O que lá se aprende é entendido como transferência intelectual de conteúdos, memorização crua, atividade passiva por parte de quem aprende, atividade receptiva, e nessas condições o saber não mobiliza os estudantes.”

PLANO ARTICULADO

A pesquisa *Um Plano Articulado para Cultura e Educação* foi realizada em todo o Brasil, destinada a desenvolver um observatório de práticas educacionais, escolares

“Trabalhar na educação, para superar o complexo quadro de desigualdades sociais na direção da diminuição de nossas pobreza, impõe a formulação de modelos capazes de enfrentar a dificuldade, de tornar as culturas um eixo central dos processos educacionais”



e não escolares, em escala experimental, buscando estruturar princípios orientadores para as políticas da cultura voltadas para a educação. Para tanto, buscou-se compreender as condições em que se encontram as práticas escolares no diálogo com as práticas educativas realizadas por iniciativas culturais (artistas, pontos de cultura, museus, bibliotecas, ongs etc.).

Para definir os cinco municípios mais adequados para a implementação da pesquisa-ação, informa a educadora, partiu-se de algumas premissas: abarcar as cinco regiões brasileiras; contemplar a diversidade

“Estudantes não identificam, naquilo que aprendem na escola, material que os auxilie na construção do sentido de suas existências. O que lá se aprende é entendido como transferência intelectual de conteúdos, memorização crua, atividade passiva por parte de quem aprende, e nessas condições o saber não mobiliza os estudantes”



cultural do País; estar, assim como seu estado, em diálogo com as políticas públicas federais de Cultura e Educação; dispor da maior diversidade de equipamentos educacionais e culturais possível; desenvolver práticas reconhecidas por premiações; ocupar posição de polo em sua região.

“Como critérios, buscou-se municípios com adesão ao Plano Nacional de Cultura e ao Programa Mais Educação, assim como análise de indicadores sociais, educacionais e culturais. Dessa forma foram escolhidos os seguintes municípios: Porto Velho (RO), Recife (PE), Campo Grande (MS), Rio de Janeiro (RJ) e Porto Alegre (RS). Ao longo do trabalho, iniciado em fevereiro de 2012, foram reunidos 1.664 atores, de 26 estados

e 180 municípios, e participaram presencialmente da pesquisa 427 representantes do setor público (63,8%) e da sociedade civil (36,2%)”, relata.

Ela conta que o coletivo investigador, formado para participação da pesquisa, foi equilibrado, no que se refere às áreas de cultura (49%) e educação (51%), incluídos nesta os estudantes (13% do total), em sua maioria dos ensinos médio e fundamental. Assim, a grande maioria dos participantes (87%) é de profissionais, com formação universitária (39% de graduados e 35% pós-graduados), maiores de 36 anos e ocupando cargo de liderança (66%).

“A opção pela metodologia expressa o posicionamento acerca da sociedade e da

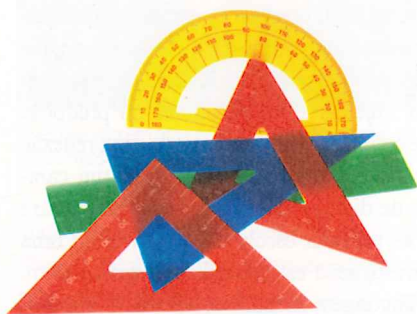
educação. O objetivo foi construir o contexto para uma pesquisa colaborativa, em que todos os participantes são, ao mesmo tempo, sujeitos e pesquisadores na produção de conhecimentos, a partir de uma reflexão crítica coletiva. Buscou-se criar um campo de diálogo entre as práticas da cultura e as práticas escolares, por meio de uma investigação estruturada nas trocas entre a linguagem formal e a simbólica. Foi preciso trabalhar em situação capaz de proporcionar aos atores, donos de expressões e experiências distintas e específicas, condições de trocas, permitindo a expressão de distintas vozes em condições de mútua influência, construindo o campo intersetorial que se investigava”, explica Sueli



NAS BANCAS!

EDITORIAL
escala
www.escala.com.br

"A elaboração de programas capazes de contribuir para a valorização das linguagens artísticas nas práticas escolares também se constitui numa demanda do coletivo investigador. A produção cinematográfica brasileira é pouco aproveitada pelas instituições de ensino e é instrumento de interesse juvenil"



Foram produzidos 18 documentos pelos grupos de trabalho de todas as regiões, que juntos aos 38 relatórios elaborados pelos pesquisadores locais e três relatórios da equipe da Casa, totalizaram 59 documentos, além das 288 horas de filmagem.

Após análise e classificação das propostas, as mesmas foram comparadas com o Plano Nacional de Cultura e o Plano Nacional de Educação (Projeto de Lei 8530/10), objetivando o confronto entre as demandas da sociedade e as metas e estratégias já estabelecidas pelos dois ministérios, por meio dos referidos Planos.

RESULTADOS

O resultado da pesquisa demonstra que são numerosas as experiências, mas exigem apoios mais eficientes para cumprirem seus papéis sociais. "O que nos faz pensar que seu avanço está, em parte, articulado à legislação, que consolida as relações sociedade civil e governos. As experiências em curso, desenvolvidas

por escolas e demais atores educacionais, cobram a elaboração de instrumentos pedagógicos capazes de colaborar para a efetivação da articulação escola-território, por indicadores aptos a monitorá-las na conquista dos resultados e por investimentos na formação dos distintos atores envolvidos nesta relação."

A democratização da gestão escolar e a necessidade de formulação e implementação de metodologias educacionais, para o enfrentamento do preconceito e para a garantia de direitos nas escolas, também foram objeto de destaque nesta pesquisa. "Os professores têm demonstrado muita dificuldade no diálogo com saberes não instituídos, os saberes do cotidiano, e, muitas vezes, entendem cultura como sinônimo da cultura letrada, escolar. Com isso, a escola se afasta de seu papel social, pois se distancia de sua dimensão pública. Relato muito comum entre os professores e diretores de escolas foi a cobrança por esclarecimento sobre as vantagens que o diálogo com o território pode trazer para os desafios escolares. Afirmando que essas questões têm chegado para a escola recentemente e que desconhecem suas justificativas e metodologias. Isso nos leva a concluir que é necessário desenvolver projetos para apoio pedagógico com estes fins."

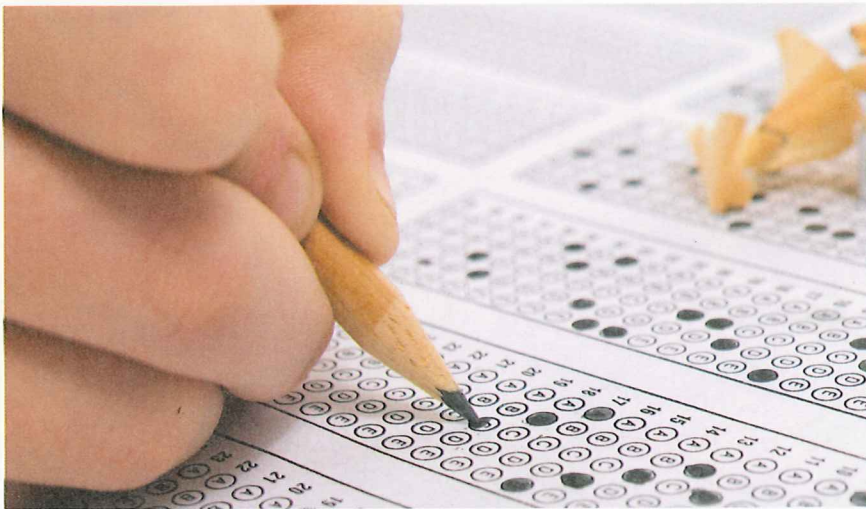
Um desafio, afirma Sueli, é o de caminhar para uma compreensão da escola como redes epistemológicas, estruturadas por meio de relações de saberes, o que permite compreender os estudantes como sujeitos sociais, portadores de sa-

beres, o que é diferente de pensar que sejam carentes de cultura. Valorizar as trocas entre os estudantes e educadores corresponde a formular um horizonte ampliado para a escola.

"A elaboração de programas capazes de contribuir para a valorização das linguagens artísticas nas práticas escolares também se constitui numa demanda do coletivo investigador. Da mesma forma que o artista brasileiro necessita de conquistar espaço social, o ensino das artes precisa ser valorizado nas escolas, comparado. A produção cinematográfica brasileira é pouco aproveitada pelas instituições de ensino e é instrumento de interesse juvenil, capaz de mobilizar estudantes para diversas áreas do conhecimento escolar. A pesquisa demonstra que essa área cobra maior aproximação com o universo escolar, seja na produção de filmes como na difusão do acervo produzido no País."

A coordenadora da pesquisa conclui que aproximar as escolas dos seus territórios depende da valorização das diversas experiências de todos os sujeitos sociais implicados, o que garante a dimensão pública da escola. As disputas, que marcam as relações das escolas e territórios, são marcadas pela cobrança de coletivos diversos por reconhecimento como produtores de conhecimento legítimos e válidos. "Essa disputa envolve a complexidade de atores da educação e deixa as práticas culturais, oriundas de meios populares, em defasagem: geralmente, elas são provenientes de vozes, ainda não suficientemente reconhecidas pela sociedade em geral, o que se reflete nas escolas. Acreditam que quando a instituição se torna capaz de trabalhar a partir do diálogo direto com os estudantes e seu território, compreendendo as diferenças e incentivando a voz de cada um, faz valer sua função social."

Uma das sugestões é investir na maior aproximação dos cursos de Pedagogia e das licenciaturas com os estudos culturais, a Sociologia e a Antropologia, objetivando fortalecer a dimensão cultural das práticas educativas. A formação voltada para o diálogo e a mediação cultural é



IMAGENS: SHUTTERSTOCK

Pesquisadora defende que o Brasil tenha seus próprios processos de monitoramento da educação, aprimorando índices como IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) e Prova Brasil

prática ainda distante das licenciaturas, segundo apurado na pesquisa.

DEMOCRACIA

O trabalho revela, também, que a conquista da democracia nas escolas é a base da intersectorialidade cultura/educação e das políticas para educação integral. “A escola é uma instituição fundamental para o exercício da cidadania, para fazer valer os direitos sociais. A democracia se define de baixo para cima, por meio da expressão das diversas vozes, e não de um Estado hegemônico. Tornar a escola um espaço plural é o principal desafio das políticas da cultura para educação. É preciso criar mecanismos pedagógicos para instaurar práticas democráticas nas instituições educacionais e culturais. As escolas estão sendo chamadas a se constituírem como espaço público de reflexão e constituição de cidadãos produtores de cultura. Nessa perspectiva, o professor é alguém que produz conhecimento sobre a realidade local e não apenas alguém que executa um currículo, de cuja elaboração não participou. É convidado a ampliar sua sala de aula e descobrir o sentido de seu trabalho em diálogo com o contexto, deixando de ser, somente, um transmissor de conhecimentos para se tornar um mediador da produção cultural entre escola e território.”

Por outro lado, segundo Sueli, os equipamentos culturais também precisam conquistar e efetivar a dimensão educativa de suas práticas. Bibliotecas com espaços exclusivamente de consultas ou museus voltados para a contemplação já não possuem mais lugar na sociedade de hoje. “Os espaços culturais precisam assumir seu papel educacional, por meio de diálogo e mediação social. E, para tanto, se torna necessário, que os profissionais da cultura se transformem, também, em educadores, o que corresponde a um maior espaço para a educação nos cursos universitários destes profissionais.”

Para finalizar, a educadora afirma que as políticas da Cultura e da Educação precisam avançar, coordenadas com universidades e organizações sociais, mais próximas da sociedade. “Neste sentido cobra-se a instauração de fóruns ou conselhos voltados para conquista social. O problema da perda de sentido da educação escolar vem preocupando professores, educadores, estudantes e gestores públicos. Se por um lado se reconhece o esforço na direção de reinventar a escola, por outro os resultados ainda são muito tímidos, em todo o País, como demonstra a pesquisa”.

*Lucas Vasques é jornalista e escreve frequentemente nesta publicação.

NAS BANCAS!



e EDITORA
escala

www.escala.com.br